DIRETOR: Firmino de Vilhena

Redação, administração e oficinas de composição e impressão, propriedade e edição do director,

Avenida Agostinho Pinheiro, 1

Endereço telegrafico

'CAMPEÃO,,—AVEIRO

Decano dos jornais portuguezes

Ano 69.º—Numero 6:725—Sabado, 15 de janeiro de 1921

Campeão das Provincias

Fundado em 14 de fevereiro de 1852 por Manuel Firmino d'Almeida Maia

ASSINATURAS—Ano 3$50 Numero do dia, 6 centavos; atrazado, 7 centavos. Para alem-mar, 5$00; Brazil, França e Inglaterra, 5$50. A' cobrança feita pelo correio, acresce a importancia a dispender com ela.
A assinatura é sempre contada dos dias 1 ou 15 de cada mez e cobrada no começo de cada trimestre.
Não se restituem os originais.

Publica-se ás quartas-feiras e sabados

Não é da responsabilidade do jornal a doutrina dos escritos assinados ou simplesmente rubricados

PUBLICAÇÕES—Escritos de interesse particular, 50 centavos por linha. Anuncios na 1.ª pagina, 40 centavos por linha singela; na 2.ª, 30; na 3.ª, 25 e na 4.ª, 20
Anuncios permanentes, contrato especial. A todos acresce o imposto do sêlo, sendo sempre contados por medidas de corps. 10 e 8.
Os srs. assinantes teem o abatimento de 5 % nos anuncios e nos impressos feitos nas nossas Oficinas.

Trabalhos de folego

Reabriu o parlamento, que se encontra em pleno periodo de... atividade creadora e fecunda.

Por virtude dos trabalhos de decoração de uma das suas salas, só funciona a outra, revesando-se, os ilustres representantes da nação, que estão produzindo, em beneficio dela, quanto basta para colocar aquela casa de espetaculos no mais alto grau da eloquencia e da oratoria parlamentar, e bem assim para salvar esta linda terra portugueza, por meio de medidas que se impõem, do cairel do abismo para que corria a passos de gigante.

Não ha nega-lo.

Na camara dos srs. deputados é a voz forte e audaciosa do sr. ministro das finanças, que irrompe febril, colerica, vitoriosa.

Sua ex.ª, no auge dos seus arrebatamentos insofridos, tão compativeis com a magestade do logar e com a dignidade do cargo, levanta-se irado e não facundo para... insultar a imprensa.

No Senado, que iniciou ante-ontem as suas sessões, começa-se por fazer exarar na acta uns votos de sentimento por morte de pessôas estranhas, e finda-se por outros de louvor em homenagem á atriz Mercedes Blasco. Merecido preito á arte e á graça cativante da mulher.

Foi uma sessão cheia.

Dos extratos parlamentares nada mais consta dela, nem nela seria possivel caber mais.

Ninguem dirá que, com obras deste genio e desta vulto não estejamos a salvo de todos os infortunios passados, presentes e futuros, nem se marquem paginas de verdadeiros triunfos parlamentares, de tão grande interesse nacional que são acolhidos pelo paiz com geral aplauso...

Atualidades

As bandas regimentais E' proposito do sr. ministro da guerra, diz-se, apresentar ao parlamento uma droposta de supressão das bandas regimentais.

A dar credito ao que se diz, ficarão todas reduzidas ao simples numero de 4, 8 ou 13, consoante melhor convenha á situação das localidades onde algumas teem as suas sedes.

Apezar da grave situação do paiz, por culpas que não são dele, não vêmos possivel justificação para semelhante medida.

Que resulta dela? A economia de quanto? E por que se não procura antes reduzir tantas das superfluas despezas que pesam no orçamento daquele ministerio, por ventura o que mais peza na balança do orçamento geral do Estado?

As bandas regimentais são escolas de arte necessarias. Não se reduzirão sem que se vibre um fundo golpe nas proprias regalias publicas. Por que é uma regalia, unica entre tantas que lá vão já, a existencia dessa instituição educativa e recreativa das populações sofredoras deste pobre paiz.

Poupe-se-lhes o desgosto que certamente produzirá a medida.

Mal teve conhecimento do caso, a Camara municipal de Aveiro apressou-se a oficiar ao sr. ministro da guerra fazendo-lhe vêr alguns inconvenientes dele e solicitando a substituição da medida por outra de maior vantagem por que póde começar.

Conjuntamente oficiou a mesma corporação aos deputados e senadores do circulo para que se oponham á sua aprovação.

E' natural que se reconsidére e sobreesteja na aprovação do projeto.

Ao protésto da Camara municipal de Aveiro hão de seguir-se os protéstos das corporações administrativas doutras localidades.

A supressão projetada contende até com a vida de varias povoações.

Não irá por deante. Crêmos bem que não irá. Entretanto é preciso agir para que o disparate se não consume, e o *Campeão* lavra desde já contra ele o seu protésto.

Leote Por alguma coisa se havia de tornar notavel; pela ausencia absoluta de sênso, de compostura e de prudencia.

Sem capacidade inteletual que o recomende, mas com a mania epistolar, Leote, a quem falta tambem a autoridade moral, que se foi quando apareceu a lume a carta com que lhe pizou os calos o dr. Germano Martins, aqui transcrita não ha muito, recalca as falsas afirmações que na imprensa disse haver feito no parlamento, no tocante a assuntos da nossa representação militar em Paris.

Desta vez escreve ao *Seculo* e lá vem com o cançado chá das libras que o adido e outro pessoal recebe, tendo o cuidado de as avolumar ao cambio portuguez.

Leote sabe que a libra em França não tem a cotação de cá. Sabe de mais que os ordenados dos nossos representantes são pagos em francos e que o franco na França é a moeda nacional, com o valor proprio, muito inferior, infinitamente inferior, ao que se lhe dá em Portugal.

Ele sabe isso e sabe mais que, por mais que tente embrulhar contas, não se desembrulha da manta de farrapos que lhe não dá para cobrir as mazelas intimas, o odio a tudo e todos que ali desempenham cargos que ele julgou poder fazer ocupar por gente sua.

Aí é que bate o ponto. Aí é que lhe dóe. E aí tem por que lhe falta a autoridade moral para discutir o assunto. A opinião publica conhece o facto, sabe que ele acusa por despeito, por odio, por inveja, e dá-lhe o desconto todo.

Leote foi aos ares e perdeu a linha. Póde dizer á vontade, que nem por isso intercetará o caminho á lua...

Prosunção e agua benta O sr. Cunha Leal não é pessôa que deixe os seus creditos por mãos alheias. Persuadido dum valimento que não tem e julgando-se superior a «todo o resto», fazia ha dias, no parlamento, o elogio da sua obra e da sua propria pessôa, descompondo ao mesmo tempo a imprensa, em grosseiro calão, por que esta, na sua grande maioria, lhe apreciou como de justiça a nefasta intervenção nas coisas da finança.

Nós fomos no numero. E fomos nele porque fomos tambem dos primeiros a analisar, a comentar e a reprovar essa obra, que causaria a breve e inexoravel ruina do paiz. Não estamos disso arrependidos; antes folgamos de têr contribuido para a anulação da mesma obra, devolvendo daqui ao sr. Cunha Leal, intátos, os epitetos e as grosserias com que nos alvejou.

Gabriel Ançã Sempre é bom lembrar.

O inspetor geral dos serviços de socorros a naufragos, em face do apêlo da imprensa em favor do velho pescador Gabriel Ançã, que se encontra em precarias circunstancias, e no conhecimento dos relevantes serviços por ele prestados na salvação de vidas, propôz ao sr. ministro da marinha lhe seja concedido um auxilio pelo cofre de assistencia a pescadores invalidos, visto o «Instituto-de-socorros-a-naufragos só poder estabelecer pensões vitalicias no caso de morte em serviço de salvação. Contudo, pelo cofre do Instituto, o referido inspetor mandou-lhe já abonar um subsidio eventual.

O sr. dr. Julio Martins, concordando plenamente com essa proposta, determinou que por aquele cofre lhe fosse dada uma pensão vitalicia.

Folga a justiça devida ao velho e heroico pescador, que é tambem, pelos seus feitos em luta contra as vagas, uma gloria da terra em que nasceu.

O *Campcão* congratula-se em têr contribuido para o reconhecimento deste dever nacional.

Dr. Marques dos Santos
Professor da Faculdade de Medicina, com pratica nos hospitaes de Paris, Bordeus e Genèbra
DOENÇAS DA GARGANTA, NARIZ E OUVIDOS
— ANALISES CLINICAS —
Coimbra—R. do Visconde da Luz, 46

JORNAL DE LISBOA

Lisboa, 14.

A scêna passa-se em plêna sessão da camara dos deputados. Tarde molinhenta de 2.º feira. Fala o ministro das finanças, sr. Cunha Leal, aludindo á sua pessôa e defendendo a sua obra, que acaba de sêr rudemente atacada:

«Não ha homem publico nenhum que não excêda um pouco a craveira da vulgaridade, que não sofra o seu mau quarto de hora. E' o que me está sucedendo atualmente».

Fáz-se um sussurro enorme, ha risos escarninhos estrepitosos, resôam ditos de espirito a que raros resistiriam.

O sr. Cunha Leal resolve depois demitir-se e andou bem. Irá com ele o resto da trindade do bloco, muito comprometido com a atitude do colega, com quem se solidarisara para salvar tambem a má situação em que a ultima carta do dr. Alexandre Braga deixara o sr. ministro da guerra.

Na proxima semana far se-ha a substituição.

E eis como, em dois mezes de nova experiencia, na opinião geral se radica o voto por que lhe sucêda um ministerio de elementos homogeneos, capaz de levar isto a porto de salvamento, carrilando duma vez a avariada maquina da governação publica.

O gabinete Liberato Pinto, tal como está organisado, tinha os dias contados. Quando mais não fôsse, pela arrogante atitude do ministro das finanças em defeza das suas leoninas propostas fazendarias.

Podia lá admitir-se, aquilo?! Herdeiro, o Estado, dos haveres dos nossos filhos! Esta só da atrabiliaria lembrança do sr. Cunha Leal, que, embora com merecimentos, é um inexperiente com confiança demasiada em si proprio, correndo parelhas com... a sua modestia.

Emfim, caiu como de prevêr, amortalhado na sua propria obra, sendo talvêz possivel que noutra oportunidade, com largos tempos passados sobre a irreflexão dos seus verdes anos, um dia venha a pôr ao serviço do seu paiz o fruto da sua larga meditação e de um largo estudo sobre coisas que aproveitem.

A imprensa ingleza, e nomeadamente o *Times*, está publicando interessantes artigos sobre Portugal. Um segundo artigo desta importante folha londrina põe em relêvo os grandes serviços que Portugal prestou aos aliados durante a guerra e diz que, se nos houvessemos mantido numa rigorosa neutralidade, como a Espanha, as circunstancias teriam sido muito diferentes para os aliados, quer no mar, quer em Africa. Demonstra mais que, como consequencia do esforço e das despezas da guerra, Portugal entrou num periodo de dificuldades, embora creia nos indicios duma melhoria sensivel. As finanças portuguezas não estão em condições desesperadas e o futuro economico de Portugal é cheio de esperanças a muitos respeitos. Existe por toda a parte um novo espirito de empreendimentos; o paiz é abundante em riquezas naturais, e depois da instituição da Republica as colonias têm-se desenvolvido. Conclue por exortar a Inglaterra, na qualidade de mais antigo aliado de Portugal, a prestar-lhe todo o auxilio, especialmente financeiro.

A *Patria* de ontem insere uma interessante carta do dr. Alfredo Nordeste contestando as falsas afirmações de Leote do Rego a proposito da nossa representação no estrangeiro. Causou excelente impressão, e como é irrespondivel, lá vem na *Patria* de hoje nova ameaça de Leote: não responde porque o dr. Nordeste é simples tenente *milciauol*

Escavará no ministerio dos estrangeiros até encontrar coisa que lhe sirva para alguma nova calunia. Então, como a vingança é o prazer dos deuzes, ele se ocupará do caso. Resposta á carta, que lhe bole a valer nas feridas, isso não, que de tal o impede a sua «graduação superior». Não o impediu, esse motivo, de vir á imprensa injuria-lo. Serve-lhe agora para fugir á discussão de factos que não teem possivel contestação.

E' uma nova carateristica por que deve ficar-se conhecendo o homem.

Emilio

Aspectos da guerra

No Man's Land

E' uma larga facha de terreno úna, de vegetação rasteira, que usica em curvas de mil feitios a região vasta e fertil da Flandres.

Outr'ora em dias felizes pertenceu a alguem constituiu o retiro aprasivel nos tépidos dias de agosto dum burguez remediado, ou fidalgo abrazonado da antiga aristocracia franceza, usufruindo qualquer deles do seu ventre fecundo, a abarrotar de pujança, de vida, o pão de todos os dias cerimoniosamente servido em jantares de festa intima, nos dias consagrados á pragmatica, que a França tradicionalista acalenta.

O arado aschaico, primitivo, sem as modificações do progresso reformador afagou-a com amizade nos seus braços possantes, fazendo-a produzir, abrindo no seu dorso enorme de atheleta sulcos profundos e enviezados, onde os vegetais pequenos acariciados pelo sol benefico duma primavera benvinda e desejada, sugavam por osmose as seivas boas, disseminadas nos produtos fluidicos por filtração atravez das suas camadas fecundantes.

Debaixo dos copados seculares d'algumas arvores hoje decepadas cerces pelo cutelo aspero do ferro que não conhece situações nem acarinha suplicas na irresponsabilidade e inconsciencia da materia bruta, no enorme cadafalso erguido solenemente a desafiar os destinos da humanidade que quer avançar, fizeram ninho, construiram lar, centenas de aves alegres, despreocupadas nos seus vôos ligeiros, a solfejar no seu gorgeio vivificante melodias finas em sonatas de amor, convidando o homem soberano e mestre, numa estima sã ao prazer da vida, quando ela é estribada na liberdade sem as leis da convenção por mero acto expontaneo...

Hoje produz calafrios o contacto do antro maldito onde durante quatro anos pulsou unisono o coração do mundo suspenso do seu nome terrivel, onde no praso de quarenta e oito longos e penosos mezes houve divertimentos em bachanaes de sangue e pús, numa atmosfera vil e intoxicada.

A morte beija-a sofrega em delirios estonteantes, nervosos de histerica, segredando-lhe mil dizeres, na comunhão do mesmo ideal aniquilador!

E' sobre o seu ventre grave como um tratador de criminalogia que se entrechocam as grandes aluviões de guerreiros á porfia, em brigas macheavelicas, onde o gume aguçado das laminas em reflexos prateados, riem alváres nos seus encontros de hyena.

As defezas acessorias acompanham-na em toda a sua extensão numa parceria de lucros eguais, de cincoenta por cento a deslindar em dia de treguas, gemeas no mesmo mister, identificados no mesmo eu.

Cruzes não existem. E' despesa superflua para um luxo que se não paga. Cóvas só as dos morteiros e granadas onde cabem pelotões inteiros Não ha ali identificação de personalidades, nem construções rasas para inquilinos sós. A obra é de empreitada em lanços grandes, por junto. Nada a retalho. Caveiras, óssos, tudo isso que foi alguem, que possuiu inteligencia, vontade, querer, toda essa maravilha que poderia ter produzido um Bonaparte na scentelha genial de dirigir massas em Austerlitz ou um Petronio na elegancia irrepreensivel das linhas corretas, se amalgamassa no mesmo monturo de podridão, em combinações secretas.

Os rasgos de heroismo não se compreendem ali. Falta-lhes o élan do movimento nas arrancadas febris do assalto. As ousadias rechacham-se de encontro ás primeiras nuvens de gaz que a viração move lenta e compassadamente, e os gestos grandes dos herois dá lenda sossobram desconhecidos no tenebroso deposito do destino, a produzir nodoas enormes, na fermentação da materia organica.

Ha em tudo uma promiscuidade que revolta a serenidade do espirito mais fleugmatico, medindo tudo pelo mesmo rasoiro, nivelando tudo pela mesma craveira, afinando tudo pelo mesmo diapasão.

As arvores reduzidas de seiva a escassear, exangues, envenenadas pela acção corrosiva do gaz que se precipita caustico á superficie numa camada uniforme e homogenea, a lembrar a neblina apagar-se nas caricias da brisa da manhã, symbolisam nas projecções feitas atravez das nuvens apressadas rolando no ceu pardo daquela Flandres, fantasmas silenciosas, como sentinela alerta bem quadrada do paiol municiado, onde a morte se esconde ávida, astuciosa como uma pantera a fixar a presa, presentida de perto...

Mas com todos estes tons negros como as azas dos corvos a crucitar esfaimados, em vôos arrebatados e obliquos nestas paragens mixtas de confusão e dôr, ainda ha quem lhe procure a convivencia, quem a utilise, quem se lhe sacrifique, quer esse alguem seja o patrulheiro de escuta arrendatario barato, que me ouve neste instante, quer o patrulheiro de reconhecimento em posições macabras de saltimbanco á aparição dum *very-light* despropositado a surpreende-lo de improviso, como o ladrão profissional no primeiro cotovêlo duma estrada deserta, ao transeunte pacifico e alheio!

«*Terras de Ninguem*», ultimo contraforto da limitação da França que eu então conheci, gazomátro saturado de substancias corrosivas que nos arremessavas em desafio sempre que o acaso bastardo para nós t'o proporcionava, quantas vezes amaldiçoamos o teu nome á saida dos abrigos sem luz, de ar viciado, a pôr a mascara á pressa para evitar a morte horrivel por asfixia, a loucura proxima sem o direito da defeza legal do delinquente, da reação natural do instinto, no halito caustico da tua expiração de gigante?

Quanta vez te não vi rir, megera de naifa, ao ferir o teu timpano de aço o som lugubre dos *stromps* a resoarem destemperados numa praga colossal, o falar abafado dos chocalhos de timbre diferente, nos postos avançados da 1.ª linha, tua visinha, quasi tua irmã, em aviso de atenção á morte?!...

Eu tenho ainda fotografada na minha imaginação a profundeza lugubre das minas explosivas que habitavam nas tuas entranhas em fingidas negociações dum *finis beli*, e admiro as galerias bem forradas do imenso tunel subterraneo a lembrar o conto das mil e uma noites, desse tunel monstro que te deveria dar um dia a maior das surprezas egualando-te a zero num arranco bestial, no uivo estridulo de centenas de formilhos igneos, incandescentes, precursor dum avanço que se tartamudeava á socapa, de vagar, descrito em pageado de côres rutilantes de sangue e veneno á mistura, a lembrar um pezadelo de anos!...

Mas a profecia não se reali-

sou nunca, e já que a negligencia preguiçosa da epoca se esqueceu de te erguer um panteon de tibias e craneos em holocausto ás tuas façanhas singulares, e lançar-te inexoravelmente o labeu de homicida, arrancando das ruinas do grande cataclismo de que és protagonista a prova juridica que formará o teu processo vasto para que a posteridade se não macule no teu ambiente cheio de virus, ao menos que a historia, a eterna medianeira dos tempos agrilhotando-te as galés te faça justiça implacavel, num justo reparo ás vitimas de tanto egoismo, aos orfãos de tanto pai!

J. A. Rebocho Vaz.

Carteira de apontamentos

Festas de familia:

Fazem anos:

Hoje, a menina Lidia da Apresentação Faria Nordeste.

Amanhã, as sr.as D. Eulalia de Jesus dos Santos, D. Tereza Emilia Correia Portal, D. Maria Leocadia de Lima e Lemos, D. Isabel Marta Lopes d'Almeida, e os srs. João de Pinho Saramago e José Ferreira Correia de Sousa.

Alem, a sr.ª D. Emilia Neves Barreto, e os srs. Dagoberto de Vilhena Tôrres e Antonio dos Santos Coelho.

Depois, a sr.ª D. Rosa d'Almeida Soares Garção, e o sr. dr. Julio Augusto Henriques.

Em 18, a sr.ª D. Erecina de Seabra Mendes da Costa, e os srs. dr. Ferreira d'Almeida e dr. Vaz Ferreira.

Em 19, as srs.as D. Emilia da C. Pereira de Vilhena, D. Elsa Esteves Mendes Correia, e os srs. Germano Pedrosa de Figueiredo e Isaac Julio da Fonseca da Silveira.

Em 20, as sr.as D. Maria Amelia de Fontes Ala, D. Bernarda da Costa Mortagua, D. Gabriela da Cunha Santiago, e os srs. dr. Alberto Ruela, dr. Luciano Monteiro e José de Pinho Saramago.

◆ Com felicidade deu agora á luz uma creança do sexo fimino a sr.ª D. Cecilia Pinto Basto, esposa do alferes de infantaria, nosso amigo, sr. Armando Esteves.

◆ Tambem com feliz sucesso deu á luz uma creança do mesmo sexo a sr.ª D. Beatriz Ala dos Reis, esposa do sr. Domingos João dos Reis Junior, entendido farmaceitico local.

◆ Egualmente teve a sua *delivrance* a esposa do capitão de infantaria, sr. Vitorino Canelhas, presada filha do nosso velho amigo, sr. Abel de Pinho.

◆ Teve tambem ha dias o seu feizsucesso dando á luz uma menina, a sr.ª D. Gomercinda Galoso, esposa do nosso amigo, sr. Antonio Henriques Maximo Junior.

Mães e filhas estão felizmente bem.

◆ Em Gouveia realisou-se ha dias o casamento da sr.ª D. Beatriz Braz Frade, interessante filha do abastado capitalista e importante industrial nosso amigo, sr. Antanio Rodrigues Frade, com o habil advogado, sr. dr. Luciano Henriques Barata, nosso presado assinante e irmão do esclarecido prafessor do liceu, nosso brilhante colaborador, sr. dr. José Henriques Barata.

Testimunharam o acto os pais dos noivos, seguindo estes depois para o estrangeiro.

Os nossos parabens e bons desejos de muitas prosperidades.

Visitas:

Estiveram nestes dias em Aveiro os srs. dr. Pinto Leal, Manual Teixeira Ramalho e José Frutuoso Martins.

◆ Estiveram em Lisboa os srs. Antonio Maximo e dr. Alberto Souto.

◆ De visita a seu filho, o habil clinico local, sr. dr. Alberto Soares Machado, está em Aveiro o sr. Profirio Machado.

Em viagem:

Já regressou de Gouveia, onde foi passar as festas do Natal, o sr. dr. José Henriques Barata.

◆ Seguiu para Coimbra, onde vai continuar o seu curso, o tenente de infantaria, sr. Armando Larcher.

Enfermos:

No sua casa desta cidade tem estado gravemente enfermo, melhorando, entretanto, agora, o sr. dr. Pompeu Cardoso, quintaninta de medicina.

Movimento local

Anotações do passado (1920)—*Dia 15 de Janeiro.*—Aparecem novas varas de porcos lemtejanos, que se vendem á razão de 23$50 a arroba.

Dia 16.—A carne de vaca atinge o preço de 2$00 o quilo.

Dia 17.—Tolda-se o tempo chovendo abundantemente.

Dia 18.—Continua o mau tempo, mas sóbe um pouco a temperatura.

Dia 19—Veem da Agúda e Espinho varias mulheres com carregamentos de pescadas.

Dia 20—Vende-se no nosso mercado um casal de galinhas pela bonita soma de 7$50.

Dia 21—Chega a Aveiro uma importante remessa de milho colonia.

Dia a dia.—Tem chovido copiosamente, caindo graniso tambem por vezes com furia. O vento tem sido fortissimo.

Os campos baixos estão por isso inundados, e em alguns dos marginais á ria já tambem as aguas desta os cobrem.

A temperatura que felizmente se conservava regular, desceu bastante fazendo um frio intenso como em alguns dias de novembro e dezembro.

Nova sociedade.—Comunicam-nos os srs. José Augusto Ferreira e seu filho, sr. Manuel dos Santos Ferreira, que por escritura publica ultimamente celebrada nas notas do dr. Adelino Simões, se constituiram em sociedade sob a razão social de José Augusto Ferreira & Filho, para a continuação do seu negocio de moveis e louças.

A casa è das mais bem montadas da cidade, gozando de excelente nome pelo escrupulo e seriedade que presidem ás suas transações.

Felicitando-os, muito folgarêmos de vêr prosperar a nova sociedade, que é sem duvida das que mais interessam á nossa terra.

Calendario.—A gerencia da antiga «Farmacia Franco & Filhos», de Lisboa, enviou-nos ha dias um calendario de folhas moveis para o ano corrente, de uma grande utilidade para escritorio, e que insére, em cada uma delas, reproduções, a côr, das magnificas instalações do seu grande estabelecimento de Belem.

Agradecemos a amabilidade.

O pão.—Não obstante o seu elevado custo, o pão de algumas padarias não traz, de ha muito tempo, o pêzo legal.

Fazêmos o caso com vista á autoridade competente, que bem pòde fazer meter na ordem os que dela andam transviados.

Os fosforos.—Já vieram fosforos. Só de pau, dos amorfos, a $04 a caixa, e em tão diminuta quantidade que não chegam. Serão preparativos para nova investida ao bolso do consumidor? Pois não basta ainda á companhia a impunidade em que vive, n'um regimen de tolerancia como aquele de que tanto tem gosado e tanto tem aproveitado?

A baixa.—A baixa continúa... na escala ascencional. Vai de fóz em fóra com a tal liberdade de comercio, pela qual cada estabelecimento faz de manhã um preço, que sóbe á tarde do mesmo dia.

Nada menos de trinta escudos se deram n'um destes dias por quatro galinhas magras e vulgares, pedindo-se já $15 e $16 por cada ôvo.

Desde que o Estado se julgou no direito de nos exirgir $06 por um bilhete postal, $10 por uma carta, e assim por deante, porque não ha de o comerciante emita-lo e entrar-nos mais fundo pelas algibeiras, de que, afinal, ele é o melhor dôno?

O exemplo vem de cima. Cá por baixo segue-se a preceito.

Noticias religiosas. -- O S. Gonçalo, casamenteiro das velhas, como o vulgo lhe chama, teve festa ruidosa na sua capelinha do bairro piscatorio, na tarde e noite do dia 8 e na manhã e tarde do dia 9, tocando ali uma banda e queimando-se muito fogo. A festividade interna esteve muito concorrida, sendo-o o arraial tambem.

Não faltaram as fogueiras e as classicas cavacas.

Serviço militar.—A encorporação de recrutas, que devia realisar-se de 12 a 15 do corrente, sò terá logar de 1 a 4 de março, ficando a 2.ª, que devia realisar-se de 12 a 15 de maio, para de 5 a 8 do mesmo mez.

A instrução do 1.º contingente de infantaria termina em 27 de abril e a do 2.º em 27 de junho. A instrução da infantaria passa de 15 semanas a 8; a de cavalaria de 30 a 20; a de engenharia de 25 a 20; a da artilharia de 20 a 15; a das tropas de serviço de saude e veterinaria de 25 a 15; e a das de administração militar de 15 a 10.

Toda a instrução da recrutas das diversas armas ficará concluida em 30 de junho, com exceção das de cavalaria e engenharia, que termina em 18 de julho.

Junta-geral do distrito.—As deliberações mais importantes da sua Comissão-executiva em sessão de 8 do corrente:

«Instar junto dos srs. ministro do comercio, administrador geral dos correios e telegrafos e deputados pelo circulo, no sentido de Aveiro sêr beneficiada com a ampliação da rêde telefonica e a séde ficar em comunição com Lisboa e Porto.

Pedir á Companhia dos caminhos de ferro para que o comboio *tramway* de Ovar ao Porto, que sái ás 9 de Ovar, tenha a sua origem em Aveiro; e outrosim, a construção nesta cidade duma marquise que resguarde os passsageiros das intemperies durante o embarque na linha descendente, atendendo ao grande movimento e rendimento, devendo, para isso, suscitar-se a intervenção conjunta da Camara municipal e Associação-comercial para os mesmos efeitos.

Solicitar dos poderes publicos competentes subsidios para a continuação das obras do quartel da Guarda-republicana.

Insistir junto da Comissão-distrital de Assistencia, pedindo o subsidio para o *Asilo-escola-distrital* das multas dos assambarcadores, devendo oficiar-se individualmente a cada membro.

Aviso aos interessados.—Em virtude do decreto n.º 7:228, de 7 do corrente, todos os produtores, comerciantes e industriais de conservas, devem declarar até ao dia 25 do corrante mez, perante a respetiva administração do concelho, as quantidade de azeite, tanto da atual colheita como das anteriores, que tiverem em seu poder.

A gatunagem.—Nunca, como de ha tempo a esta parte, se notou tamanha audacia e tão grande numero de tentativas de roubo em Aveiro. A ladroagem anda desaforada, não havendo quem a contenha.

A falta de luz e a falta de gente da policia, mantém a malta na pratica dos assaltos e na mais absoluta impanidade.

Raros são os dias em que se não salteia a propriedade de alguem. Ora são as capoeiras, ora os estabelecimentos de generos ou de fazendas.

Ante-ontem foi a loja do sr. Rodrigues Miciro, á travessa da «Caixa-economica», de onde levaram bastante dinheiro em papel e moeda nova. Ontem foi a ourivesaria Vilar, á rua José Estevam, onde não conseguiram penetrar por serem presentidos por gente da casa. Esboracaram-lhe a montra e pouco faltava para entrarem a salvo, quando a detonação dum tiro, disparado pelo dono do estabelecimento, os pôz em fuga.

Da policia, ninguem. Da guarda-republicana, ninguem! Nem o estampido da arma se fez ouvir de mais do que dos visinhos. Dantes, a guarda-republicana fazia patrulhas de noite. Agora eclipsou-se como a policia, e nem a policia da guarda, nem a guarda policia!

Estamos numa terra em que se póde roubar e matar até, se tanto apetecer aos meliantes, visto como as ruas se encontram de noite absolutamente desprovidas de quem as vigie e guarde a fazenda alheia.

Teatro-aveirense. — Estão anunciadas para amanhã, alem e depois, as tres récitas que se propôz realisar no nosso teatro a companhia Samuel Diniz, de que fazem parte esperimentados artistas

Sóbem á scena *O az*, *O homem que assasina*, e *O homem duplo*, tres magnificas traduções do francez, que hão de sêr bem desempenhadas e que o publico mostra interesse em conhecer.

Contra a debilidade. — Recomendamos aos nossos leitores o Vinho nutritivo de carne» e o «Farinha peitoral ferruginosa» e *contra a tosse* o «Xarope peitoral James», da Farmacia de Pedro Franco & c.ª—Rua de Belem.

Precisam-se agentes

Boas Comissões

AVIZ COMPANHIA SEGURADORA PORTUGUEZA

Rua do Carmo, 69, 2.º—Lisboa

Sinistros pagos até 30 de novembro de 1920

237.054$03

CAMPANHA DE ODIO

A carta que a seguir publicamos e foi trazida a publico pelo *Seculo* de 2.ª feira, desfaz por completo todas as calunionsas referencias a pessôas e coisas da nossa legação em França, com que veio á imprensa o contra-almirante, sr. Leote do Rêgo.

Não ha que aditar á clara e franca exposição do sr. dr. Barbosa de de Magalhães. Desfazendo a intriga e reduzindo o intrigante ás suas naturais e mesquinhas proporções, demonstra á evidencia a que móla oculta e a que fim de inconfessada retaliação obedece a villasima campanha.

A origem é a mesma que levou o homem a chamar á barra o dr. Afonso Costa.

Com duas penadas, asperas como vassoura rija e propria, varrêra já o dr. Germano Martins a primeira cabazada de poeira por ele atirada ao ar.

Agora a carta do sr. dr. Barbosa de Magalhães ilucida mais amplamente o publico, que ficou fazendo mais seguro juiso da intenção que presidiu á escrita, eivada de inexatidões, do sr. Leote. Da intenção e do mais alguma coisa:

«*Senhor diretor:*—Quando, ha tempos, o deputado, sr. Leote do Rego, falou na camara, sobre missões no estrangeiro, logo aí, não na mesma sessão, porque nela não pude usar da palavra, mas na seguinte, eu contestei varias das suas afirmações referentes á Delegação portugueza á Conferencia-da-paz e ao nosso adido militar em Paris.

Infelizmente os jornais nada disseram sobre essa parte do meu discurso, á excéção da *Patria*, que dela publicou um resumo muito sucinto.

Quiz logo, em carta para os jornais, reproduzir o que na camara tinha dito. Alguns amigos, porem, dissuadiram-me disso com o fundamendo de que a carta do meu presado amigo, dr. Germano Martins, e a resposta do sr. Leote do Rego tinham sido bastante elucidativas...

Nada fiz, portanto. Mas, hoje, ao lêr o *Seculo*, deparo com uma carta do deputado sr. Leote do Rego aos seus (!?) eleitores de Lisboa, na qual, principalmente, se refere ao nosso adido militar em Paris, que é o meu cunhado e amigo tenente-coronel Vitorino Godinho.

Não quero, pois, perder o ensejo que o sr. Leote do Rego me proporciona de esclarecer devidamente o assunto, e estaria tentado até a agradecer-lh'o se não conhecesse o motivo de má vontade pessoal que o move para com aquele oficial, porque ele, no desempenho das suas funções e do seu dever, conservou em França, e fez regressar a Portugal, um dos filhos do sr. Leote do Rego, que estava na comissão das reclamações do C. E. P. e que já nada lá tinha que fazer.

E, portanto, permita-me, sr. diretor, que eu venha agora, respondendo á carta do sr. Leote do Rego, que diretamente se me refere quando fala no colega que contestou na camara asseu suas afirmações, reproduzir e acrescentar o que na camara disse.

Referindo-me ao que no parlamento o sr. Leote do Rego tinha dito relativamente ao adido militar em Paris, comecei por afirmar que esse funcionario não tem vencimentos excessivos e fobulosos, como se disse, mas sim vence apenas, como os outros adidos militares de Madrid e Londres, unicos que a actualmente existem, 3 libras por dia, alem dos seus vecimentos como oficial do exercito portuguez e como professor da Escola-de-guarra, tudo pago em ouro, porque em ouro são, e não pódem deixar de sêr pagos, todos os vencimentos no estrangeiro, acrescentando que só quem não conhece como a vida está lá fóra, especialmente em Paris, pode considerar excessivos tais vencimentos, principalmente para quem tem despezas de representação.

As instalações da repartição do adido

Depois neguei que a repartição desse funcionario esteja instalada no andar nobre dum palacio, ou mesmo num esplendido 1.º andar dum bom edificio, a contrastar com a modestia e pobreza com que está instalada a nossa legação na mesma cidade, porque a verdade é que, se, efetivamente, a nossa legação está pessimamente, vergonhosamente instalada, a repartição do adido, que por absoluta falta de espaço não podia funcionar na propria legação, está instalada numa modesta sobre-loja, modestamente mobilada, que tem apenas os necessarios compartimentos para os respetivos serviços e que nem sequer tem aquecimento, o que não é vulgar nos predios, mesmo modestos daquela cidade.

Acrescentei que a renda dessa sobre-loja é de 6:500 francos anuais, o que mostra que não se trata de nenhum rico 1.º andar, sendo ainda certo que foi tomada de arrendamento e quasi toda mobilada, não pelo atual adido militar, mas pelo seu antecessor, o malogrado coronel Ortigão Peres.

Neguei depois que o adido militar de Paris tivesse, ao contrario do que foi afirmado, dois secretarios; não tem nenhum, e nem sequer adjunto, porque esse logar, que era exercido pelo major, sr. André Brun, foi suprimido ha um ano aproximadamente.

Na repartição estão, é facto, dois oficiais a fazer serviço, por isso ter sido julgado indispensavel, não só pelo adido militar, mas ainda pelo ministerio da guerra, que, até mesmo por relatorios daquele funcionario, sabe os serviços que alem dos que propriamente e normalmente pertencem aos adidos militares, ultimamente teem estado a cargo e que dizem respeito á liquidaçao do C. E. P. e outros ainda derivados da guerra.

De resto, o adido militar em Paris, mesmo por indicação do ministerio da guerra, tem feito regressar aos seus logares e ao paiz todos os oficiais cujas comissões se podiam ir considerando findas, e devo novamente notar que entre esses oficiais estava o filho do deputado, sr. Leote do Rego, a quem já me referi.

Vê-se, assim, que o sentimento de amôr paternal que impele o sr. Leote do Rego a fazer esta campanha contra o adido militar em Paris, foi o mesmo sentimento que o impeliu a atacar a Delegação portugueza á Conferencia da paz e em especial o sr. dr. Afonso Casta, apesar de s. ex.ª dizer que nunca pediu nada para seus filhos.

O sr. Leote do Rego é muito desmemoriado, pois até já se lhe varreu da memoria que andou, durante tempos, atraz de sr. dr. Afonso Costa e do major, sr. Vitorino Guimarães, a pedir-lhes para colocarem um outro seu filho no serviço das reparações, o que, apesar da boa vontade daqueles senhores, não conseguiu, por não ser isso possivel.

Quanto aos automoveis, o adido militar em Paris tem ao seu serviço um velho automovel do C. E. P., que, tendo feito a guerra e encontrando-se, por isso, muito arruinado, precisa sofrer, de tempos a tempos, algumas reparações. e, emquanto estas se fazem, utilisa, em sua substituição, um outro, tambem já muito gasto, que esteve ao serviço da Delegação da Paz e que, excecionalmente, tem estado ao serviço dos srs. ministros dos negocios estrangeiros, que teem ida a Paris.

Os trabalhos do sr. Vitorino Godinho

Finalmente, a proposito da comissão de serviço de que o mesmo fucionario foi encarregado, expliquei sêr essa comissão a destinada ao estudo da liberdade das comunicações e transito, na qual Portugal tem, e não pode deixar de ter, representação, porque muito o interessa, sob o ponto de vista internacional, como é obvio, tudo o que diga respeito a esse importantissimo assunto.

Para essa comissão foi nomeado, como representante de Portugal, o sr, Antonio Bandeira, ministro de Portugal na Haia, que, em certa altura, pediu para sêr assistido de um técnico. Coincidindo isso com a dispensa do mesmo sr. ministro dos trabalhos da delegação portugueza, entendeu quem de direito que devia substituir o mesmo senhor pelo adido militar em Paris, que, aliás, nenhum pedido fez nesse sentido e que, tendo como oficial de estado-maior a competencia técnica necessaria, podia exercer o cargo com economia para o Estado, porque não teria, assim, de ir ninguem de proposito de Portugal para Paris, com uma ajuda de custo de 10 libras diarias. E, com efeito, o adido militar tem recebido uma gratificação, que lhe é devida, porque se trata de serviços estranhos á sua função de adido e ninguem é obrigado a servir de graça o Estado, mas muito menor do que seria a ajuda de custo que teria de receber qualquer pessôa que de Portugal fôsse especialmente para representar o paiz nessa comissão.

Agora, na sua carta de ontem, publicada no *Seculo*, o sr. Leote do Rego volta a falar em adjuntos ou secretarios do adido militar em Paris, afirmando que tem tres.

Não é exato. O adido militar não tem adjunto ou secretario algum. Tem apenas, como acima afirmei, dois oficiais a trabalhar na sua repartição, destinados ao serviço de liquidação do C. E. P. O capitão-aviador, sr. Almeida Pinheiro não é adjunto, nem secretario do adido militar e nem sequer faz serviço na sua repartição. Está em Paris no desempenho duma comissão de que o incumbiu o ministerio da guerra e apenas depende, naturalmente, do adido militar por motivo de ordem administrativa e disciplinar, como dele dependem todos os oficiais que em França se encontram.

Quanto aos vencimentos do adido militar, o sr. Leote do Rego emprega uma exclomação, quando se refere ao facto do aludido oficial receber a sua gratificação como professor da Escola-de-guerra, o que só mostra ignorancia da lei.

O adido militar em Paris só recebe aquilo a que pela lei tem direito, sem que para ele tenha havido ou haja qualquer favoritismo, e antes tem deixado de receber tudo que pela lei lhe é devido.

Não: o adido militar em Paris não é adido aos cofres do Estado, como tambem não o é ás algibeiras de ninguem.

E, se algum favoritismo ha, que seja ele apontado com factos *devidamente comprovados*.

Não basta, para produzir efeito na opinião, apontar factos no ar, inexatos, e que a má vontade não deixa apurar, ou exagera ou altera.

E a má vontade do sr. Leote do Rego é tão grande, contra o adido militar em Paris, que, na sua carta de resposta á do dr. Germano Martins, dizia não conhecer os seus merecimentos, mas que o viu «algumas vezes em Paris, em boa camaradadem com o antigo adido, Vasco de Carvalho, o germanofilo, o representante do sidonismo no *front*, chefe do estado-maior no 13 dezembro», e que o viu «á hora em que Sá Cardoso e outros seus bravos camaradas, vindos do *front* ou da Africa, com licença, jaziam nas cadeias».

As perseguições do dezembrismo

Quer o sr. Leote do Rego, ao que parece, insinuar que o tenente-coronel Vitorino Godinho era germanofilo e sidonista?!

Francamente, só a rir se póde levar o caso, pois o sr. Leote do Rego deve saber que esse oficial, velho republicano, pertencendo ao P. R. P. desde a Constituição, onde teve assento, foi um dos mais ardentes partidarios da nossa intervenção na guerra, e, como tal, foi um dos que, logo de inicio, começou a trabalhar nela, sendo chefe de serviços no quartel general em Tancos, pelo que foi louvado e agraciado, sendo depois tambem chefe de serviços no C. E. P., e estando até a servir de chefe de estado-maior quando do combate de 8 de abril, sendo, pelos seus serviços, louvado o condecorado pelo governo portuguez com a medalha de ouro e pelo governo francez com a Legião de Honra.

Quer o sr. Leote do Rego insinuar que o tenente-coronel Vitorino Godinho não foi perseguido pelo dezembrismo?

Mas o sr. Leote do Rego deve saber que esse oficial por duas vezes foi mandado regressar de Portugal a França, sem que lhe fosse consentido o gosar a sua licença de campanha, e uma delas foi exatamente nas vesperas de serem presos, não os oficiais que o sr. Leote do Rego aponta, mas ainda outros, entre os quais dois cunhados do mesmo oficial—o tenente-coronel Maia Magalhães e o capitão de artilharia Barbosa de Magalhães, a quem o sr. Leote do Rego podia têr-se referido, recordando-se ainda de que outro cunhado do tenente-coronel, sr. Vitorino Godinho, o signatario desta carta, se viu forçado a estar escondido e a homisiar-se durante quatro mezes.

De ambas as vezes, o tenente-coronel Vitorino Godinho não poude gosar a sua licença de campanha e teve de deixar imediatamente a sua familia, que anciosamente o esperava.

Pois bem; já que assim a má vontade pessoal leva o sr. Leote do Rego a atacar injustamente o adido militar em Paris, não póde sêr estranhado que eu repare no seu procedimento para com uma pessoa que, alem de cunhado, é como verdadeiro irmão, de quem, como eu, numa ocasião triste e dificil da vida do sr. Leote do Rego, lhe valeu com a melhor vontade, e pertence a uma familia, da qual uma senhora, nos dias que se seguiram á revolução de dezembro de 1917, correu Lisboa á procura da ex.ma esposa do sr. Leote do Rego, para lhe dar noticias do marido e para lhe oferecer os seus serviços.

Diz-se que o odio á mau conselheiro.

Não ha duvida—até faz obliterar um dos mais nobres sentimentos do homem—a gratidão.

Releve-me, sr. diretor, o tempo e espaço que lhe venho tomar, e queira receber com vivos agradecimentos, os protestos da maior consideração do que é—De v., etc.—8-1-21.—*Barbosa de Magalhães.*

Apesar de isto, de tudo isto, o sr. Leote do Rego voltou ante-ontem ao *Seculo* com novas diatribes sobre o cançado têma.

Pássa a mania. Tenham dó dele, que está enfêrmo. E assim, perdoai-lhe, Senhor que não sabe o que faz.

SEMENTEIRA

DEVANEIO

(Conclusão)

Perante um anoitecer de maravilha, ante o mistério da Paisagem que permanece agora tranquilamente adormecida sob a merencória luz da Lua, elas olvidaram as horas que deslisavam vertiginosas e chegaram-se a deslembrar de que todo um Mundo se agitava á sua volta!...

E agora, afastando-se cada vez mais do lago, em direção a casa, envolvidas na gaze do Luar, elas sentiam a sua Mocidade sorrir nêsse momento ante o Luar e a Vida, convencidas de que não se deve amar ninguem, porque se é muito mais feliz viver sem amor...

— Duas esveltas estatuetas de raro alabastro azul que guarnecem uma das entradas que dão ingresso para o lago, tendo escutado silenciosas, indiscretas, toda esta permuta de frases, aproveitam agora a Solidão para conversar. Teem na base, gravados os nomes de *Comtesse de Sabran* e *Chevalier de Bouffiers*. Ha nelas a graça airosa e musical de um figurino, no alvorecer da segunda metade do século XVIII, quando em França, o prestigio da realeza finaliza inteiramente com o reinado do devasso Luiz XV e a monarquia se afoga numa onda de Fraquêza e de Corrupção. A condessa assemelha-se a tudo menos a M.me de Sabran quando amava o Cavaleiro de Bonflers, o poeta que perfilhava a opinião de que a máxima beleza na Poesia reside na máxima simplicidade. Com efeito, ela—uma pequenina nuvemsinha, um vulto insinuante de olhos postos no chão, como que sorri num movimento de Candura e de Receio, toda empoada, graciosa, ingénua; êle, elegante, *raffiné*, casaca lavrada, punhos de renda, apoiado donairosamente ao bastão, com o seu tricórnio numa reverente e garbosa cortezia...

Comtesse (*esboçando timidamente um subtil sorriso de altivo desdem*)—Prestou atenção?... Que me diz a tudo isto?!...

Chevalier — Como são as mulheres de agora!

Comtesse — Nem sabem amar e...

Chevalier (*num gesto de ironia e de orgulho simultaneos*)—E nem sequer já sabem sorrir...

Comtesse (*num movimento de ática elegancia*)—Isso só as risonhas e singelas bonequinhas da nossa época. Elas sim, souberam amar realmente e sabiam sorrir.

Chevalier — Eram como

hoje as raparigas da provincia que não possuem o desenvolvimento varonil das mulheres deste sèculo, não se deixaram eivar ainda do modernismo de ser malcreada e conversar em calão, e que se ruborisam até quando ouvem falar de tal maneira.

Comtesse (como que absorvida num scismar penetrante) — Souberam amar, souberam... Se é possivel conceber-se um sentimento mais elevado, mais grandioso, do que êsse que geralmente se denomina Amor, soube eu então alimenta-lo no meu coração.

Chevalier — Hoje, pelo contrário, as mulheres parecem rapazes, nada as intimida, usam bengala e monóculo, fumam, cultivam o *flirt*, exprimem-se em termos charros servindo-se de uma linguagem de calão, usam o intimo e rudo tratamento de *você* e...

Comtesse (interrompendo) — E são indelicadas.

Chevalier — Se fôsse só isso!...

Sabe o que lhe digo, condessa? Parece-me em tudo isto que existe em nós simplesmente um pouco de inveja por nos ser impossivel desfrutar hoje os requintes desta civilisação...

Comtesse (um instante depois) — Não ouviu o que me disse uma delas?!

Chevalier — Qual? A mais nova? Aquela que ha pouco ainda respondia serenamente a um rapaz, como quem exteriorisa a mais fina e subtil amabilidade: — Você... é muito torto —?

Comtesse — Sim, aquela que esteve quasi sempre a olhar para nós. Não se recorda de ela me ter dito, numa sarcástica risada, quando entrou para o lago, que eu parecia exatamente a marquêza de Pompadour!...

Chevalier — Ah, ouvi, ouvi!...

Comtesse — Que atrevimento! Cotejar-me assim com a protectora de Choiseul, com uma das favoritas de Luiz XV!... *(gravemente)* — Saudosos tempos os nossos! Eu aprendi a amar na poesia dos campos...

Chevalier — E eu aprendi a poetisar nos esplendores da Naturêza!...

.....

Segue-se um silencio de prece, grave, misterioso, comparavel ao que, num mar calmo, sucede sempre ao estilhaçar da onda na fulva areia a praia...

Apenas ao longe uma fontesinha de cristal vae resando baixinho, ao Luar verde, a sua mistica oração...

Carlos Vale.

Mortos

Uma tuberculose a cuja marcha não foi possivel pôr entraves, vitimou ha dias, com quinze anos apenas, uma filhinha do sr. Albano Pinheiro, escrivão de direito n'esta comarca e nosso presado conterraneo.

E' o segundo desgosto, de tão dura prova, porque o sr. Albano Pinheiro passa, e n'ele o acompanhamos comovidamente.

A falecida era uma das mais velhas e não a mênos gentil da sua graciosa prole, que ele cuidou com esmêro e disvelo, mas a cujo mal ninguem conseguiu pôr mão.

O pequeno cadaver veio de S. Bernardo para o cemiterio ocidental da cidade acompanhado por numerosos amigos da familia enlutada, a toda a qual apresentamos o nosso cartão de condolencias.

RECORDANDO O PASSADO

PARA A HISTORIA

Duma interessante série de artigos que o *Norte* está publicando e que são revelações que conveu fazer conhecer, por que são ao mesmo tempo factos que ilustram a historia, recortamos o seguinte, que precede a prisão do dr. Afonso Costa no Porto, após o 5 de dezembro, no momento da sua chegada do estrangeiro, onde tinha deixado assegurados os mais importantes beneficios para o paiz:

Pela noite, efectivamente, chegava o Afonso Costa, acompanhado pelos drs. Augusto Soares e José d'Abreu, hospedando-se no «Hotel do Porto». Os poucos amigos que sabiam da sua chegada logo o procuraram, anciosos que dele ouvissem diretamente o que pelo telefone lhes comunicára. Quando o avistámos estavam todos jantando tranquilamente, tão certa se lhes afigurava a jugulação da revolta. Afonso Costa falava, com acentuada magua, do assalto á sua residencia que ele então ainda supunha ter sido prontamente castigado e reprimido, apenas se limitando a pequenos prejuizos na sua adega.

«E isto, dizia, era-lhe feito a ele precisamente no momento em que acabava de conquistar lá fóra, e a troco de prolongado e persistente trabalho, os maiores e mais importantes beneficios para o nosso país».

A ingratidão ferira-o profundamente.

Quasi no fim do jantar o dr. Alfredo Coelho de Magalhães manda chamar urgentemente ao governo civil o dr. Adriano Pimenta para falar para Lisboa.

— Que será?

O proprio policia que traz o recado informa que é do ministerio da guerra.

E', na verdade, o sr. Norton de Matos, que pede para comunicar ao dr. Afonso Costa que a situação se modificára completamente, obrigando o governo a pedir a demissão!

Afonso Costa recebe a noticia com sobresalto e surpreza. Parece não compreender.

— Mas porque não esperaria o Norton algumas horas por mim para tomar semelhante resolução?! interrogava ele apreensivo, emquanto se dispunha a ir ele mesmo falar para Lisboa.

O jantar acabava mal...

* * *

No gabinete do governador civil Afonso Costa não quer mais que tres amigos. Pede mesmo para que não fique ninguem nas salas contiguas. O coração adivinhava-lhe talvez qualquer coisa de grave...

E então, o telefone ligado para o palacio de Belem, estabelece-se um longo e cada vez mais vivo dialogo entre Afonso Costa e Bernardino Machado.

E os que assistiam, silenciosos e oprimidos, a esta emocionantissima scena, de uma grandeza e intensidade indescritiveis, começaram a perceber que... tudo estava perdido.

— ?

— O quê?! gritava Afonso Costa, nervoso e agitado. Pois é possivel ter-se aí espalhado um manifesto com abaixos á guerra?! Mas isso é uma loucura, é uma infamia mesmo.

— ?

— Não, não. Chame esses homens, sr. presidente, se é tempo ainda. Mostre-lhes o grande crime que praticam. Diga-lhes tudo, absolutamente tudo. E' preciso que não ignorem coisa alguma...

— ?

— Mas se é por causa da dissolução, insistia Afonso Costa, se é por isso nós a aprovaremos. O Directorio do meu partido prefere sancional-a a vêr o país numa situação horrivel e vergonhosa. Tenho aqui ao meu lado alguns membros do Directorio, o Augusto Soares, o Adriano Pimenta, e eles concordam com isto, e os outros tambem concordarão.

De resto nós nunca fomos irredutiveis nessa questão. Acima dos partidos, acima de tudo está o país, estão a honra e a dignidade de Portugal. Diga-lhes isto, sr. presidente. Convença-os com o seu patriotismo...

— ?

— Mas isso é um crime de lesa-patria, retorquia Afonso Costa, indignadamente, a qualquer nova informação do presidente. Isso será o mesmo que não termos amanhã nem um bago de trigo, nem um quilo de carvão. Ninguem nos respeitará, ninguem nos dará o necessario auxilio.

— ?

— Qual, meu amigo, não se iluda! Nada se salvará. O que agora conquistamos aos aliados perder-se-á, infalivelmente, mesmo o que de assegurado trago comigo, e que bem se póde considerar o desafogo e a tranquilidade de todos os portugueses.

— ?

— Sim, sim; afirmava energicamente Afonso Costa. Tudo é perdido; tudo. Esses homens estão loucos, ou realizam o maior crime da nossa historia. Gritar: «abaixo a guerra» juntamente com vivas a Portugal, ou é demencia ou cumplicidade com os nossos inimigos. Uma das duas. Pois diga-lhes, sr. presidente, que eu sacrifico tudo, programa, partido, governo, o que quizerem, desde que a honra de Portugal não seja atingida, desde que o país não sofra o desprezo das nações aliadas e não percamos nada da nossa situação, um só dos beneficios conquistados...

— ?

— Cumpra-se então o destino...

.....

E o dialogo, vivo, intenso, nervoso, continuou ainda por largo tempo, até que... cada vez menos vivo, cada vez menos intenso, mas cada vez mais nervoso, findou, era já madrugada.

Afonso Costa nunca nos parecera tão grande.

No gabinete do governador civil pairava uma desolação enervante.

Nele apenas se encontravam, então, alem do governador, Augusto Soares, Dionisio Santos Silva, Caldeira Scevola, Romulo de Oliveira, Eduardo Santos Silva, Adriano Pimenta e Cristiano de Carvalho.

A tragedia começava...

P. S.

A Beleza não se adquire, mas deve-se conservar a que se tem. Para tal fim não useis senão especialidades verdadeiramente higienicas, como o **Créme**, o **Pó** e o **Sabonete Simon** (sem prenome). Desconfiar das contrafações e exigir o verdadeiro nome. A' venda em toda a parte.

Grande marca franceza.

Cartaz do CAMPÃO

LUGRE "LOTON,,

A Empreza *Boa-fortuna*, da Gafanha (Aveiro) tem no estaleiro daquele local, pronto a navegar, para transporte de carga ou para a pesca do bacalhau, o lugre de 3 mastros *Loton*, de 450 a 500 toneladas, que vende.

Para tratar, com o gerente da mesma empreza, Manuel Maria dos Santos Freire, Gafanha, Aveiro.

Comarca de Aveiro

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

PELO Juizo de direito da comarca de Aveiro e cartorio do escrivão do quinto oficio, Cristo, correm editos de trinta dias, a contar da publicação do segundo e ultimo anuncio, citando a interessada Rosa, irmã da inventariada, auzente em parte incerta do Brazil, para assistir a todos os termos até final do inventario orfanologico, a que se procede por obito de Clara de Jesus Salgueiro, que foi solteira, desta cidade de Aveiro e em que é inventariante Benjamim Ventura da Rocha Salgueiro, casado, proprietario, da Quintã do Loureiro.

Aveiro, 4 de janeiro de 1921.

Verifiquei. ————

O juiz de direito substituto,

Alvaro d'Eça.

O escrivão do 5.º oficio,

Julio Homem de Carvalho Cristo

Quem pertender comprar terreno e pinhal na Quinta Velha, no logar da Preza, fale com Manuel Elias.

CASAS

VENDEM-SE uma em construção, num dos melhores bairros da cidade, com frente para duas ruas e quintal dos dois lados; outra, na praia da Barra, moderna, bem situada e com bons comodos.

Para mais informações na Agencia do Banco popular-portuguez, desta cidade.

VENDE-SE

Uma das partes da Ilha de Monte Farinha, composta de marinhas de sal, etc.

Quem pretender fale com o seu proprietario Joaquim Maria da Silva Vagueiro (o Ferrôlho), do Ribeiro da Murtoza.

P. S. — Aceitam-se propostas por carta.

— Vende-se —

Uma coleção completa da **Ilustração portuguesa**, de 1906 a 1908, em brochura. Preço 7$50 por cada volume.

Pedir a esta redação, ás letras **V. B. M.**

CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

CASA DE CREDITO POPULAR

AGENCIA N.º 33

Rua da Alfandega e Largo Bento de Magalhães

(Edificio da Filial da Caixa Geral de Depositos)

Efectua empréstimos sôbre ouro, prata, pedras preciosas, PAPEIS DE CRÉDITO DO ESTADO, roupas, mobiliário, pianos, maquinas de costura e tudo quanto ofereça garantia ao

Juro de 7 % ao ano

JUROS A PAGAR POR MEZ:

De 1$20 a 1$88, 1 ctv. (10 reis)
De 1$89 a 3$59, 2 ctv. (20 reis)
De 3$60 a 5$31, 3 ctv. (30 reis)
De 5$32 a 7$02, 4 ctv. (40 reis)
De 7$03 a 8$74, 5 ctv. (50 reis)
De 8$75 a 10$45, 6 ctv. (60 reis), etc.

Banco Nacional Ultramarino

Banco emissor para as colonias portuguezas

Sociedade anonima de responsabilidade Limitada

SÈDE EM LISBOA

Rua do Comercio

Capital autorisado..... esc. 48 milhões
Capital realisado..... esc. 24 milhões
Fundo de reserva..... esc. 24 milhões

Filial de Aveiro

Recebe depositos ás seguintes taxas

Depositos a praso { 3 mezes 4 1/2 %; 6 » 5 %; 12 » 6 %

Depositos á ordem..... 4 %

Plantações de arvoredos

PARA

LENHAS E MADEIRAS

Alfredo Moreira da Silva & Filhos, horticultores na cidade do Porto, pretendendo fazer plantações de arvores proprias para lenhas e madeiras, como Eucaliptus, Platanus, Freixos, Nogueira-americana, Robinias, Cerejeiras, Castanheiros, Nogueiras, Choupos, Carvalhos-americanos, Negrilhos, Australias, etc., pedem aos proprietarios de terrenos incultos de charneca ou de pinhal para entabolarem correspondencia, pois fazem estas plantações sem dispendio algum para o proprietario, só com divisão de lucros na ocasião dos córtes.

Dirigir a correspondencia a Alfredo Moreira da Silva & Filhos, R. do Triunfo 5 — PORTO.

Bicicleta 'Alcion,

A melhor marca franceza

A maisa acreditada em Portugal

Modêlo "Touriste-légére

COM 2 TRAVÕES E GUARDA-LAMAS

Esc. 380$00

PEDIDOS AOS AGENTES

Lopes Vieira, Ltda., Rua de S. Paulo, LISBOA

A. D. MARQUES

RUA DO OURO, 200

LISBOA

Bijouterias — Ferragens e cutelarias — Novidades

Todos os artigos de importação alemã.

Carvão de forja.

Vende generos alimenticios e diversos cereais.

❋ SERÕES ❋

(208)

Penhor materno

DECIMA SETIMA PARTE

TRADUÇÃO DE **JOSÉ BEIRÃO**

Segue a leitura

II

— E Clotilde? exclamou Daniel, lembrando-se de que, pugnando pelos seus direitos, prejudicava sua irmã. Está inocente, como eu, e formei a resolução de me sacrificar pela sua felicidade.

— Isso é muito nobre, meu filho; mas no meu entender, nada se deve resolver neste assunto emquanto o general não estiver restabelecido. Não tortures a imaginação; confia e espera. E agora, desanuvia um pouco o semblante, e vamos visitar teu pae, que não vês desde hontem á noite.

.....

Naquela mesma noite, o conde da Fé passeava meditabundo no seu gabinete. De quando em quando, parava e fitava o olhar no mostrador do relogio do fogão.

Assim decorreu mais de uma hora, até que, ouvindo passos na ante sala, o conde dirigiu um olhar para a porta. Em breve apareceu no limiar o criado Lourenço, o auxiliador da vingança do conde.

Lourenço, trazia o fato de viagem cheio de poeira, e ao entrar enxugou o suor que lhe corria pela testa.

— Até que emfim! exclamou D. Fernando, cuidei que não voltavas!

— O sr. conde é muito impaciente, volveu Lourenço, sorrindo.

— Partiste esta manhã antes de amanhecer, e voltas á meia noite, tendo levado um bom cavalo, e sendo excelente cavaleiro. Declaro que não percebo a demora.

— Primeiro que tudo, lembrarei ao sr. conde que faltam ainda duas horas para chegarmos á meia-noite. Não obstante, julgo justa a censura e vou apresentar as minhas desculpas.

— O que desejo saber é se falaste á marqueza, acudiu o conde.

— V. ex.ª encarregou-me de falar a essa senhora, e eu cumpro sempre com a maior exatidão os encargos que me cometem, de tal modo que estava resolvido a seguir até Madrid a marqueza del Radio.

— Felizmente, creio que não lhe foi preciso ir tão longe.

Nos momentos de irritação, de impaciencia, o conde dava ao seu fiel Lourenço diversos tratamentos.

Pela sua parte, Lourenço não fazia caso da volubilidade do conde, que era apenas para ele o rico filão duma mina que explorava á sua vontade.

— Não, senhor; tive a fortuna de encontral-a em Genebra.

— Nesse caso, repito que não compreendo a demora.

— Vou ter a honra de a explicar ao sr. conde. Percorri a galope cinco leguas que vão daqui a Genebra, e apenas cheguei á hospedaria, sem me importar com o meu natural cansaço, empreguei todos os meios para falar a D. Mercedes, o que afinal consegui dando uma boa propina ao criado. Logo que me encontrei com a boa velhota, pedi-lhe o obsequio de dizer a sua ama que uma pessoa desejava falar-lhe para tratar com ela um assunto da maior importancia.

— E então?... perguntou o conde com impaciencia.

— D. Mercedes respondeu-me delicadamente que sua ama não dormira na noite anterior, e que acabava de deitar-se, recomendando-lhe expressamente que não a chamasse senão duas horas antes de partir o comboio de França, isto é, o tempo indispensavel para jantar e transportar-se á estação. Não quero massar o sr. conde repetindo-lhe as suplicas que empreguei para resolver a boa mulher e ir despertar a marqueza. Foi tudo inutil; e temendo que se malograsse a minha jornada, tomei o quarto imediato ao da fidalga, e esperei ocasião oportuna.

O conde traiu um movimento de impaciencia, e Lourenço, fazendo um gesto para o tranquilisar, proseguiu:

— Entre o meu quarto e o da marqueza havia um simples tabique. A's cinco horas senti um certo movimento no quarto da minha visinha, o que me indicava que ela já estava levantada. Fui logo ter com D. Mercedes, e consegui, não sem dificuldade, que ela fosse participar a sua ama que eu desejava falar-lhe.

— Ah! até que emfim! exclamou o conde.

— Sim, senhor, até que emfim fui introduzido no quarto da marqueza. Estava vestida de preto, sentada numa poltrona; confesso que o seu rosto grave e pallido me fez alguma impressão.

— Beatriz tem sofrido muito, e raras vezes lhe voltou o sorriso desde que soube da perfidia de seu marido. Continua, continua.

— Avancei alguns passos para a marqueza, cujos olhos estavam cravados em mim, como se quizesse adivinhar o objecto da minha missão.

— Disse-me D. Mercedes, começou a marqueza, que desde esta manhã o senhor tem mostrado grande empenho em falar-me; mas como não me enviou o seu bilhete, conforme é de uso, permitir-me-ha primeiro que tudo, que lhe pergunte o seu nome.

(Continúa).

R. M. S. P.

MALA REAL INGLEZA

PAQUETES CORREIOS
A SAIR DE LISBÔA

Deseado, em 1 de Janeiro.

Para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres.
Preço da passagem em 3.ª classe Esc. 375$00.

Aragwaya, em 10 de Janeiro.

Para Madeira, S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos Montevideu e Buenos-Ayres
Preço da passagem em 3.ª classe Esc. 480$00

Este Paquete sae de LISBOA no dia seguinte e mais os Paquetes

Almanzora em 3 de Janeiro.

Para Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres.
Preço da passagem em 3.ª classe Esc. 380$00

(Impostos compreendidos)

A bordo ha creados portuguezes

Nas agencias do Porto e Lisboa, podem os srs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches á vista das plantas dos paquetes, MAS PARA ISSO RECOMENDAMOS TODA A ANTECIPAÇÃO.

AGENTES

NO PORTO: TAIT & C.ª 19, R. do Infante D. Henrique

EM LISBOA: James Rawes & C.ª Rua do Corpo Santo, n.º 47-1.º

Impõem-se aos que primam pelo bom gosto e prezam a economia

Os mais sensacionais sortimentos em tecidos chics e de maior novidade para

FATOS DE VERÃO

Vêr as exposições
e
observar os preços
sem receio de confrontos
e
para o publico
uma questão capital

Amadeu Cardoso da Silva

CONFEITARIA MOURÃO, SUC.ra

TEM sempre á venda os mais finos dôces de ovos, especialidade da terra. Sortido variadissimo, para chá e sobremeza, numa escolha esmerada e abundante.

Encarrega-se de despachar nas melhores condições todas as encomendas e para todos os pontos do paiz, Africa e Brazil, onde tem os seus revendedores.

Descontos aos revendedores d'Ovos moles, em latas ou barricas de variados tamanhos. Mariscos da ria de Aveiro, em conserva. Saborosas enguias assadas á pescador.

Rua Coimbra — **Aveiro**

Chapeus e confecções para senhora e criança

As maiores novidades no atelier da rua Coimbra n.º 9—AVEIRO.

ALZIRA PINHEIRO CHAVES

VIDEIRAS AMERICANAS barbados e enxertos de castas mais resistentes e productivas. Qualidades garantidas. Enxertos de pereiras de excelentes qualidades.

Manuel Rodrigues Pereira de Carvalho — AVEIRO — Requeixo.

Mobilia de quarto

VENDE-SE uma em estado de nova, muito elegante, de nogueira americana. Na rua Direita, n.º 21, Aveiro, mostra-se e dão-se todas as informações.

ANUNCIO

VENDE-SE uma parelha de cavalos, uma vitória e arreios.

Quem pretender fale com Luiz Alberto Couceiro da Costa.

Aveiro—R. DO GRAVITO

Sindicato Agricola

DO

Concelho de Aveiro

com séde em Aradas

Achando-se aprovados os estatutos deste Sindicato, por despacho de 14 de junho proximo findo, dado pelo ex.mo Ministro da agricultura, convidam-se todos os agricultores deste mesmo concelho a vírem associar-se nos termos dos referidos estatutos.

Sindicato-agricola do concelho de Aveiro, com séde em Aradas, 5 de janeiro de 1921.

Pelo presidente,

Amandio Rocha.

A ELEGANTE

ESTAÇÃO DE VERÃO

Modas e confeções ❋ Camisaria e gravataria

Pompeu da Costa Pereira

R. de José Estevam ❋ R. Mendes Leite

RECEBEU já todo o sortido para a presente estação em artigos da mais alta novidade e apurado gôsto, importados directamente dos principais centros productores do estrangeiro, competindo com as casas de modas do Porto e Lisboa. — **E'tamines**, para vestido, grandioso sortimento desde $65 o metro. — **Gabardines**, em lindissimas côres, para vestidos, desde 2$00.—**Cortes de bluza**, em sêda crúa; **Crêpe Georgeie**, alta novidade. —**Voiles, Gazes, Crêpes da China, Chifons, Moussines**, etc., etc.

Especialidade em morins e estamparias para enxovais

Fazendas brancas AVEIRO **Perfumarias**